

I

Desapareceram Todos

Quando Mary Lennox foi viver para o solar do tio, em Misselthwaite, toda a gente achou que era a criança mais feia que até aí tinham visto. E era verdade. Tinha um rosto carrancudo, pequeno e chupado, um corpo pequeno e magro, e os cabelos claros e finos. O cabelo era louro, a cara era pálida porque nascera na Índia e tinha estado sempre doente com uma coisa ou outra. O pai, sempre muito ocupado e doente, exercera um cargo do governo inglês e a mãe, que fora muito bonita, só se preocupava com festas e em divertir-se com gente alegre. Nunca desejara ter uma filha e, quando Mary nasceu, entregou-a aos cuidados de uma Ayah¹, a quem foi explicado que, se desejasse agradar à senhora, devia manter a criança o mais longe possível. Assim, enquanto bebé doente, rabugento e feio, foi mantido afastado e, quando ficou uma coisinha doente, rabugenta e começou a andar, continuou também a viver isolada. Só se lembrava de ter visto os rostos escuros da sua Ayah e dos outros criados, e do modo como lhe obedeciam sempre e a deixavam fazer o que lhe apetecia, porque a Mem Sahib² ficava zangada se fosse incomodada pelo seu choro. Quando atingiu os seis anos, era uma rapariguinha tão tirana e egoísta como nunca se vira. A jovem precetora inglesa que veio para a ensinar a ler e a escrever gostou tão pouco dela que abandonou o cargo ao fim de três meses e, quando outras fizeram a mesma tentativa, estiveram ainda menos tempo que a primeira. Assim, se Mary não tivesse realmente querido ler livros, nunca teria aprendido as letras.

Numa manhã extremamente quente, por volta dos nove anos, acordou muito irritada e ficou ainda pior quando viu que a criada que estava ao lado da cama não era a sua Ayah.

«Que estás a fazer aqui?» perguntou à desconhecida. «Não te quero aqui. Vai buscar a minha Ayah.»

A mulher, com um ar assustado, respondeu a gaguejar que a Ayah não podia vir e, quando Mary, irritada, lhe bateu e deu pontapés, ainda mais assustada pareceu e repetiu que a Ayah não podia vir para junto de Missie³ Sahib⁴.

Naquela manhã havia qualquer coisa de misterioso no ar. Nada acontecia como de costume: não se viam muitos dos criados nativos e aqueles que Mary via passavam apressados e à socapa com os rostos pálidos e aterrorizados. Mas ninguém lhe dirigia a palavra e a sua Ayah não aparecia. A manhã passava e deixavam-na sozinha. Por fim, saiu para o jardim e começou a brincar debaixo de uma árvore perto do alpendre. Fingiu que estava a arranjar um canteiro espetando as grandes flores escarlates de hibisco em montículos de terra. Estava cada vez mais zangada e murmurava para si o que havia de dizer e os nomes que havia de chamar a Saidie quando ela voltasse.

«Porca! Porca! Filha de porcos!», porque chamar porco a um nativo era o pior dos insultos.

Enquanto repetia isto vezes sem conta, rangendo os dentes, ouviu a voz da mãe no alpendre a falar com alguém. Era um jovem e conversavam num tom de voz baixo e estranho. Mary conhecia esse jovem que parecia um rapaz. Ouvira dizer que era um oficial acabado de chegar de Inglaterra. Olhou para ele, mas depois fixou o olhar na mãe. Tomava esta atitude sempre que tinha ocasião de a ver, porque a Mem Sahib, — Mary costumava, de preferência, designá-la desta maneira — era alta, esguia, bonita e usava vestidos encantadores. Tinha o cabelo encaracolado e sedoso, um nariz pequeno e delicado, que parecia desdenhar de tudo, e uns olhos grandes e risonhos. Todos os seus vestidos eram leves e esvoaçantes e Mary dizia que estavam “cobertos de rendas”. Esta manhã pareciam ter mais rendas do que era habitual, mas os olhos não estavam sorridentes. Estavam grandes, assustados e erguiam-se para o rosto de pele clara do jovem oficial com um ar implorador.

«Está assim tão mau? Está?» ouviu-a Mary dizer.

«Péssimo», respondeu o jovem com voz trémula. «Está péssimo. Devia ter ido para as montanhas há semanas»

A Mem Sahib torcia as mãos em desespero.

«Sei que devia! Só fiquei por causa daquele jantar estúpido. Fui imprevidente!»

Naquele mesmo instante irrompeu dos aposentos dos criados uma vozeria de lamentações tão grande que ela se agarrou ao braço do jovem e Mary sentiu-se a tremer da cabeça aos pés. As lamentações soavam cada vez mais descontroladas.

«O que é isto? O que é isto?» perguntou a senhora Lennox em sobresalto.

«Morreu alguém», respondeu o jovem. «Não me disse que ela se tinha declarado entre os seus criados.»

«Não sabia!» gritou a Mem Sahib.» «Venha comigo! Venha comigo!» e correu para dentro de casa.

Depois aconteceram coisas terríveis e explicaram a Mary o mistério daquela manhã. A cólera tinha-se declarado da maneira mais calamitosa e as pessoas caíam mortas como moscas. A Ayah adoecera durante a noite e fora por ter acabado de morrer que os criados se tinham lamentado nas cabanas. Até ao fim do dia tinham morrido mais três criados e outros tinham fugido aterrorizados. O pânico instalara-se e havia gente a morrer em todos os bangalós.

Durante a confusão e excitação do dia seguinte, Mary escondeu-se no quarto dos brinquedos e ninguém se lembrou dela. Ninguém pensava nela, ninguém a queria e aconteceram coisas estranhas de que não teve conhecimento. Ao longo do dia, Mary ora chorava ora dormia. Sabia apenas que as pessoas estavam doentes e que ouvia sons misteriosos e assustadores. Uma vez, dirigiu-se sorrateiramente até à sala de jantar que estava deserta, embora na mesa estivesse uma refeição por terminar: as cadeiras e os pratos tinham sido afastados precipitadamente porque os comensais se tinham levantado de repente por qualquer motivo. Comeu umas frutas e uns biscoitos e, como tinha sede, bebeu um copo de vinho que estava quase cheio. Era doce, mas não sabia que era tão forte. Logo a seguir, sentiu-se muitíssimo sonolenta, voltou para o quarto dos brinquedos e fechou-se lá dentro, assustada com os gritos que ouvia nas cabanas e com o ruído dos passos apressados. Tinha tanto sono por causa do vinho que se deitou na cama e durante muitas horas não se apercebeu de nada.

Muita coisa aconteceu durante aquele sono pesado, mas ela não foi perturbada pelas lamentações e pelo barulho de tudo o que era trazido e levado do bangaló.

Quando despertou, deixou-se ficar deitada a olhar para a parede. A casa estava em absoluto silêncio. Nunca estivera tão silenciosa. Não ouvia vozes nem passos, e interrogava-se se toda a gente se curara da

cólera e todos os problemas tinham terminado. Gostaria também de saber quem iria tratar dela agora que a sua Ayah morrera. Iria ter uma nova que talvez soubesse novas histórias. Mary estava muito cansada das antigas. Não chorou por a Ayah ter morrido. Não era uma criança afetuosa e nunca se importara muito com os outros. O barulho, as correrias e as lamentações por causa da cólera tinham-na assustado e ficara zangada porque ninguém parecia lembrar-se de que estava viva. Encontravam-se todos demasiado apavorados para pensar numa rapariguinha de quem ninguém gostava. Parecia que, quando as pessoas apanhavam a cólera, só se lembravam delas próprias. Mas, se todos estavam curados, de certeza que alguém havia de se lembrar e vir tratar dela.

Mas ninguém vinha e, enquanto esperava, dir-se-ia que a casa ficava cada vez mais silenciosa. Ouvia um leve ruído na esteira e viu uma pequena serpente a deslizar e a observá-la com uns olhos semelhantes a pedras preciosas. Não se assustou, porque era um serzinho inofensivo que não a ia atacar e que mostrava ter pressa em sair do quarto. Enquanto a observava, ela escapou-se por debaixo da porta.

«Que silêncio tão esquisito. É como se cá em casa não estivesse mais ninguém a não ser eu e a serpente.»

Quase de seguida ouviu passos lá fora e depois no alpendre. Eram passos de homens que entravam no bangaló e falavam em voz baixa. Ninguém os estava a receber e teve a impressão de que abriam as portas e espreitavam para dentro dos quartos.

«Que desolação!» ouviu um deles dizer. «Aquela mulher linda, linda! Julgo que a criança também. Disseram-me que havia uma, embora nunca alguém a visse.»

Mary pusera-se de pé no meio do quarto dos brinquedos, quando, uns minutos depois, abriram a porta. Tinha o aspeto desagradável, de uma criaturinha irritada e de olhar carrancudo pois começava a ter vontade de comer, sentindo-se indignamente desprezada. O primeiro a entrar foi um oficial corpulento que vira uma vez a falar com o pai. Tinha um ar cansado, transtornado, e, ao vê-la, ficou tão surpreendido que deu um salto para trás.

«Barney! Está aqui uma criança sozinha! Num lugar destes! Valha-me Deus, quem é ela?»

«Sou Mary Lennox», respondeu, empertigando-se toda. Achou que o homem era muito mal-educado ao exclamar «num lugar destes!» referindo-se ao bangaló do pai. «Adormeci quando todos apanharam a cólera e acordei agora mesmo. Porque é que ninguém aparece?»

«É a criança que ninguém conhecia!», exclamou o oficial voltando-se para os companheiros. «Esqueceram-se mesmo dela!»

«Porque é que se esqueceram de mim?» perguntou batendo o pé. «Porque não aparece ninguém?»

O jovem cujo nome era Barney olhou para ela com um ar muito triste. Pareceu a Mary que piscava os olhos para afastar as lágrimas.

«Coitadita! Não há ninguém para vir. Desapareceram todos.»

Foi desta maneira, estranha e repentina, que Mary ficou a saber que ficara sem pai e mãe; que tinham morrido e sido levados durante a noite e que os poucos criados nativos, que não tinham morrido, tinham também abandonado a casa o mais rapidamente possível, sem que um deles se tivesse sequer lembrado que existia uma menina Sahib. Era por isso que a casa estava tão silenciosa. Na verdade, além dela e da pequena serpente, mais ninguém se encontrava no bangaló.